

N.º: Gp846-X

Proc.º: 30.06.01.27

25.05.14

Data: 15.01.2015

Assunto: Debate de urgência – SATA

**Senhora Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhor Presidente e membros do Governo,**

A SATA é uma empresa estratégica e de fundamental importância para o desenvolvimento social e económico da Região Autónoma dos Açores.

Aliás, a SATA é um dos pilares do nosso sistema autonómico.

O CDS-PP tem vindo a alertar para as sucessivas más opções políticas que geraram péssimas decisões de gestão. Só que a cada alerta que fazíamos o Governo e o PS respondiam com particular agressividade acusando o CDS de querer contribuir para o descalabro da empresa.

O que é certo é que foi a gestão socialista da SATA que a conduziu à situação de “insustentabilidade” agora assumida pelo actual Conselho de Administração, que se vê a braços com uma empresa altamente endividada, com excesso de recursos e com problemas graves de operacionalidade...

O descalabro de gestão da SATA iniciou-se na primeira metade da década passada com o processo de renovação da frota inter-ilhas.

Os novos aviões para a SATA Air Açores, os Dash Next Gen Q200 e Q400 da canadiana Bombardier, representaram um tremendo erro de gestão. O CDS-PP foi o único partido que alertou para este erro. Mas mais uma vez fomos desvalorizados pela maioria socialista.

Hoje, o tempo voltou a dar-nos razão!

Quando se optou pelos aviões canadianos, pensou-se em alargar os horizontes da companhia, satisfazendo alguns caprichos dos administradores da empresa, em vez de se pensar na melhoria da prestação de serviço aos Açores e aos Açorianos. Esta, sim, deveria ser a função primordial da SATA.

Com este negócio, compraram-se aviões hoje considerados “ociosos”, endividou-se desnecessariamente a companhia, desperdiçaram-se milhões de euros (porque existiam outras opções de financiamento e de frota), e não se melhorou substancialmente a prestação do serviço público aos Açorianos.

Nem tão pouco, a tão anunciada maior eficiência das aeronaves, se repercutiu no preço das passagens pagas pelos Açorianos.

Os objectivos dos administradores e dos governantes que representavam o accionista passavam pela Madeira, pelas Canárias, por Faro... não passavam pelos Açores!

Entretanto, a companhia precisava, também, de uma renovação profunda da sua frota de longo curso, que não foi feita, levando a gastos de milhões em manutenção.

Pelo menos desde 2008, que o CDS vem alertando para essa necessidade – também agora reconhecida como urgentíssima pelo Conselho de Administração. Só que a aposta foi na degradação profunda da imagem da empresa e, por consequência, dos Açores, com todos os registos públicos de avarias, atrasos, cancelamentos e outros tristes episódios.

Factores exógenos à companhia – como a crise e a recessão económica e financeira – contribuíram para o início de um ciclo de desequilíbrio da SATA.

Porém, existem dois factores – quanto a nós, os principais responsáveis pela actual situação da SATA – que conduziram a empresa à deterioração financeira e operacional: a falta de uma efectiva e inequívoca política de transportes e turismo e o facto do Governo Regional ter deixado, em 2011, de fazer face aos seus compromissos financeiros para com a empresa.

A falta de uma política de turismo e transportes clara e objectiva levou ao devaneio de se apostar em rotas altamente lesivas, pela sua pouca ou má rentabilidade, como as do Funchal ou da Europa.

Usou-se a SATA numa tentativa desesperada de encher hotéis; mas usou-se mal... Nem se conseguiram dar respostas às acentuadas quebras registadas nos indicadores turísticos e, ainda por cima, atirou-se a SATA para o desequilíbrio financeiro e agravamento operacional.

A estratégia comercial da SATA, como também denunciámos desde 2009 – e como agora o actual Conselho de Administração nos dá razão – no âmbito desta desastrosa estratégia de internacionalização, apagou a referência comercial aos Açores, substituindo-a pela palavra “Atlântico” (“SATA – Atlantic and You”).

Mais uma vez gastaram-se milhares de euros em novas cores, novos designers, novas rotas, com mais prejuízos, com velhos aviões, com escassos resultados turísticos...

Em 2009, disse-o, nesta Assembleia: *“São opções, maioritariamente, de cariz político que, oxalá, não nos venham a sair caras no futuro”.*

Esta situação de “insustentabilidade” estava à vista.

Só o PS não a quis ver!

Agora, chegamos ao ponto em que para pagar ordenados a empresa recorre a empréstimos bancários, porque o Governo Regional não lhe paga o que lhe deve, e apresentam-se planos de negócios, reestruturação e sustentabilidade, com um horizonte temporal de cinco anos, que são propositadamente obliterados para esconder a verdadeira realidade da empresa.

É grave quando se omitem informações tão relevantes como a necessidade de dispensar colaboradores, reduzir a frequência de rotas, a urgente renovação da frota de longo curso, a reestruturação profunda de serviços e a inexorável exigência de que o Governo Regional pague o que deve.

É grave quando se afirma que só mantendo os preços exorbitantes das passagens inter-ilhas (a que se somam as chorudas indemnizações compensatórias) é que se conseguirá assegurar a sustentabilidade financeira da empresa.

E ainda se arranjou um esquema para financiar os reencaminhamentos de turistas nas ligações inter-ilhas, tudo para financiar a SATA.

Os Açorianos que já pagam as passagens mais caras do Mundo, por milha voada, vão continuar a pagar as megalomanias aventureiras da SATA.

A epopeia internacional da SATA, dos vikings aos sul-americanos, conduziu a empresa ao precipício financeiro e operacional.

Mas mais grave ainda é usar os Deputados Regionais e a Assembleia Legislativa da Região para tentar branquear todos os erros do passado (erros que só ao PS se podem assacar responsabilidades) e tentar disfarçar a gravidade de algumas das medidas que terão que ser tomadas no futuro próximo.

E pior é sonegar propositadamente informação aos legítimos representantes do Povo Açoriano. A medida pioneira e inédita (como propagava o Governo) de uma empresa pública vir ao Parlamento apresentar as suas linhas de orientação estratégica, afinal, como já se provou pelas famigeradas 251 páginas do verdadeiro Business Plan, foi uma lamentável manobra de ilusionismo.

E veja-se o deslante: eu próprio interpelei, na reunião da Comissão de Economia, sobre a opção pelo tipo de avião que servirá as rotas de longo curso; foi-me afirmado que ainda não sabiam... Mas, afinal, a decisão pelo A330 já estava tomada há muito.

Já lá diz o adágio popular: *“Mais depressa de apanha um mentiroso que um coxo”!*

E, se existem documentos que são do foro interno de gestão, que não deviam ter sido tornados públicos, mas foram, o problema não é político... é de polícia!

Assim, não podemos deixar de tecer um veemente protesto à forma como o Governo Regional lidou com este assunto e tratou o principal órgão de governo próprio desta Região.

A SATA é demasiado importante para ser gerida ao sabor do vento, continuando nesta turbulência política, ou melhor, de falta de política.

O futuro da SATA passa por servir, em primeiro lugar, e sem tibiezas, os Açores e os Açorianos, estejam cá, ou na Diáspora!

O Deputado Regional

Artur Lima